



O Jesus Ariano.

O imaginário e as concepções historiográficas do Jesus Histórico na Alemanha Nazista

The Aryan Jesus.

The imaginary and historiographical conceptions of the Historical Jesus in the Nazi Germany

André Leonardo Chevitarese*

Daniel Brasil Justi*

Resumo

Este trabalho pretende discutir que os teólogos alemães, comprometidos com a ideologia nazista, inclusive através do juramento de lealdade que fizeram ao *Führer*, não optaram pelo “silêncio virtual” nem demonstraram “um interesse limitado” pelo Jesus histórico. Muito pelo contrário, eles não apenas potencializaram o “retrato” de Jesus como sendo um ariano, como também o popularizaram, por meio de seus escritos, de suas homilias e de suas experiências cotidianas. Deve-se ter atenção aqui: a consolidação desse novo retrato é anterior ao advento de Hitler, como se pode ler em um vasto conjunto de obras, tais como, por exemplo, as de Ernst Renan, Theodor Keim e Houston Stewart Chamberlain. No entanto, é com a ascensão de Hitler ao poder que a leitura do Jesus ariano ganhou uma dimensão até então não imaginada, já que ela culmina na efetiva colaboração de um expressivo número de teólogos cristãos com a política assassina do Estado nazista, culminando no holocausto judaico.

Palavras-chave: Jesus Histórico; Nazismo; História e Teologia.

Abstract

This work aims to discuss that German theologians, committed to the Nazi ideology, including through the loyalty oath that made to the *Führer*, neither opted to the “virtual silence” nor demonstrated a “limited interest” for the historical Jesus. On the contrary, they not only potentiated the “portrait” of Jesus as an Aryan, as well as popularized it through his writings, his homilies and their everyday experiences. It must be paid attention here: the consolidation of this new portrait is before the advent of Hitler, as can be read in a wide range of works, such as, for example, Ernst Renan, Theodor Keim and Houston Stewart Chamberlain. However, it is precisely when Hitler rises to power that the reading of the Aryan Jesus won a scale hitherto unimagined, since it culminates in the effective collaboration of a significant number of Christian theologians with the murderous policy of the Nazi state, culminating in the Jewish Holocaust.

Keywords: Historical Jesus; Nazism; History and Theology.

Artigo recebido em 17 de outubro de 2016 e aprovado em 28 de março de 2017.

* Graduação em História e Mestrado (em História Social) pela UFRJ. Seu Doutorado (em Antropologia Social) foi feito na USP. É Professor Associado do Instituto de História da UFRJ, atuando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Tem se voltado para o estudo das experiências religiosas. País de Origem: Brasil. E-mail: andrechevitarese@yahoo.com.br.

* Possui graduação em História pela UFRJ (2010) e em Teologia pela Faculdade Batista de Teologia (2005). Possui doutorado em História Comparada pela UFRJ (2015). Pós-doutor em Arqueologia pelo Museu Nacional/UFRJ. Atualmente é pesquisador associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro. País de Origem: Brasil. E-mail: daniel_justi@hotmail.com.

Introdução

Walter Weaver (1999, pp. 141-154), ao analisar a construção historiográfica de Jesus no período entre as duas grandes guerras mundiais, particularmente na Alemanha dos anos trinta, optou, não pelo silêncio, mas pela omissão deliberada de analisar o ápice de um olhar historiográfico, levado às últimas consequências por um conjunto de teólogos e pastores alemães, o qual teve fortes implicações em diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil (DIETRICH, 2007; GARCIA, 2013).

Se já não bastasse a omissão, sob o argumento da enorme complexidade¹ que envolvia a “questão judaica” no III *Reich*, Weaver (1999, p. 141[a], 146[b]), em pelo menos dois momentos bem específicos, optou por falsear a realidade histórica, em vez de reconhecê-la e em analisá-la. Eis os dois momentos:

[a] Os alemães já tinham optado pelo silêncio virtual, não indo muito além das obras de Rudolf Otto e Martin Dibelius.²

[b] Contudo, a década de trinta produziu, na Alemanha, um interesse limitado pelo Jesus histórico, sendo o trabalho mais proeminente o de Rudolf Otto, com algumas contribuições também de Martin Dibelius.

Estas duas citações não deixam de causar profundo estranhamento, para não dizer mesmo uma contradição histórica, especialmente porque Weaver (1999, p. 145, nota 10) sabe quão trágico foi o envolvimento de teólogos e pastores alemães com o programa nacional-socialista, citando, inclusive, sem minimamente explorá-la, a importante obra de Robert Ericksen (1985).³

¹ Como se essa complexidade não dissesse respeito ao escopo do livro de Weaver, que trata da historiografia do Jesus histórico na primeira metade do século XX.

² Ericksen (2012, pp. 29-31, 190-191) demonstra o quanto Dibelius era antissemita e o quanto ele respaldou a política do Estado Nazista contra os judeus. Cf. tb. Baranowski (1999, pp. 100, 104), com destaque para o antissemitismo do autor.

³ Weaver deixou de fora da extensa bibliografia de seu livro o trabalho de Doris Bergen (1996). Este livro continua sendo a principal pesquisa histórica já realizada sobre o Movimento Cristão Alemão, um campo eclesialístico constituído para apoiar, até as últimas consequências, a política nazista. Certamente, se Weaver tivesse lido as obras de Ericksen e de Bergen, sua percepção teria sido outra acerca do Jesus histórico na Alemanha hitlerista.

Este trabalho vai exatamente na direção oposta da referida obra de Weaver. Aquilo que se quer focar aqui é que teólogos alemães, comprometidos com a ideologia nazista, inclusive através do juramento de lealdade que fizeram ao *Führer* (HESCHEL, 2008, pp. 73-75), não optaram pelo “silêncio virtual” nem demonstraram “um interesse limitado” pelo Jesus histórico. Muito pelo contrário, eles não apenas potencializaram o “retrato” de Jesus como sendo um ariano, como também o popularizaram, por meio de seus escritos, de suas homilias e de suas experiências cotidianas (ERICKSEN, 1985; 1999, pp. 22-39; 2012, pp. 24-60).⁴

1 Dados contextuais

As duas primeiras décadas do século XX constituíram um momento de considerável agitação política, social e psicológica (SCOTT, 2005, p. 92): morte, brutalidade, destruição e devastação trazidas pela I Guerra Mundial, em níveis até então impensáveis, levaram muita gente, incluindo os cristãos conservadores norte-americanos, a concluir que a “civilização ocidental” havia fracassado. Diante daquilo que entendiam ser o mais absoluto caos e a barbárie, eles propuseram um retorno à autoridade bíblica e à interpretação literal das Escrituras. Estavam lançadas as bases de uma experiência religiosa conhecida como fundamentalismo (SCOTT, 2005, p. 92, citando Armstrong, 2000, pp. 195-228). Do ponto de vista teológico, esses cristãos conservadores estavam reagindo a um forte criticismo bíblico, cujas bases haviam sido lançadas na Alemanha – uma das responsáveis, na visão desses cristãos conservadores, pela disseminação do caos e da barbárie.

Esse criticismo bíblico, diretamente relacionado à forma de pensar as escrituras sagradas, pode ser entendido como uma escola de pensadores teológicos, fundada por Friedrich Schleiermacher (1768-1834), David Friedrich Strauss (1808-1874) e Ludwig Feuerbach (1804-1872). Essa escola foi levada, ainda no século

⁴ Para entender a potencialização do retrato de Jesus como ariano no cotidiano nazista, deve-se considerar os números oferecidos pelo censo alemão de maio de 1939: 54% deles se consideravam protestantes; outros 40% se diziam católicos; 3,5% se viam como neopagãos e 1,5% declaravam não ter religião. Sobre os referidos dados, ver: Ericksen e Heschel, 1999, p. 10; Ericksen, 1999, p. 22; Bergen, 1999, p. 40.

XIX, à Inglaterra e aos Estados Unidos por eruditos e estudantes universitários (LIENESCH, 2007, p. 18). Seu pressuposto básico era que a bíblia poderia ser melhor compreendida se analisada em seu contexto histórico. Para tanto, deveriam ser levados em consideração a autoria, a datação e o propósito original de cada um dos livros que a formavam. Essa perspectiva teológica foi associada pelos cristãos conservadores norte-americanos como um ataque à sua religião, da mesma forma que o militarismo da I Guerra Mundial, especialmente o alemão, foi lido como uma agressão à “civilização ocidental” (SCOTT, 2005, p. 92).

2 Fundamentos raciais

Militarismo alemão, teorias de superioridade racial e eugenia foram vistas pelos cristãos conservadores norte-americanos como estando diretamente relacionados à aceitação da evolução humana pelos alemães, no final do século XIX (SCOTT, 2005, p. 93). Na realidade, o entendimento que os alemães tinham acerca de tais tópicos era bem diferente daquele desenvolvido por Darwin, na medida em que os primeiros rejeitavam incisivamente a seleção natural como um mecanismo de mudança biológica e social.

Evolução, através da seleção natural, não preenchia os requisitos das visões militaristas alemães de inevitabilidade do triunfo teutônico – bem entendido, a seleção natural lida como a seleção dos mais aptos em termos de um ambiente particular. Ela não trabalha com o pressuposto de que os alemães ou quaisquer outros venham a ser inevitavelmente superiores a todos os outros, sem considerar a circunstância ambiental (SCOTT, 2005, p. 93). O darwinismo social, cujas bases argumentativas possibilitaram a construção do Jesus Ariano, tem aqui um importante peso de análise.

3 Fundamentos raciais na Alemanha Ariana

Tendo em mente a teoria das espécies de Darwin, alguns cientistas, como por exemplo, Herbert Spencer (1820-1903) e Francis Galton (1822-1911), criaram correntes na ciência que defendiam a tese (i) da diferença racial entre seres humanos, (ii) da importância de um controle sobre a demografia humana, (iii) da possível inferioridade dos povos negros, principalmente naquilo que se referia à inteligência, à alta taxa de criminalidade, e (iv) do combate à miscigenação. Munida por estes princípios, a ciência moderna pós-iluminista passou a admitir como verdade passível de demonstração que não apenas determinadas características biológicas e sociais capacitariam uma pessoa como superior à outra, como também qual raça se enquadraria melhor no critério da superioridade.

Convém destacar que essa matriz histórica permitiu que setores mais à direita da sociedade alemã combinassem a teoria racial com o cristianismo, levando ao desenvolvimento do “arianismo cristão” (HESCHEL, 1999, p. 68). Esse fenômeno tem sido descrito por Saul Friedländer (*apud* HESCHEL, 1999, p. 68) como a “redenção antissemita”, decorrente do medo da degeneração racial e da crença religiosa cristã na redenção. Com relação ao medo da degeneração racial, esta cristandade ariana advogava libertar a Alemanha dos judeus e do judaísmo (para um aprofundamento, ver: STEIGMANN-GALL, 2004, pp. 33-76). Um bom exemplo historiográfico advém da célebre obra de Adolf von Harnack ([1924, original] 1990, pp. 134-135):

Foi Lutero que mais uma vez deu uma posição central para o reconhecimento Paulino-Marcionita da distinção entre lei e evangelho; esse reconhecimento tornou-se a alavanca da Reforma como um movimento espiritual. Sua tese, que foi estabelecida acima de todas as outras perspectivas de fé, colocada em termos negativos, diz assim: "a lei não é capaz de nos mostrar o verdadeiro Deus".

Johannes Agricola (1494-1566) viu a questão ainda mais claramente: ele avaliou a lei como uma tentativa frustrada, por parte de Deus, para conduzir a humanidade por meio de ameaças. Porém, Deus pode cometer um erro ou falha? A

partir daí, era pouco mais que um passo para a explicação prudente que Lutero também deu naquilo que diz respeito aos componentes alexandrinos do Antigo Testamento, que livros do Antigo Testamento são "bons e úteis para ler", mas eles estão à margem do Novo Testamento, porque eles não são um guia canônico. Teria sido um alívio para o cristianismo e para sua doutrina, se Lutero tivesse dado este passo!

Convém destacar que von Harnack não estava sozinho nesse seu pleito de libertar o cristianismo do pesado fardo que representava o Antigo Testamento. Conforme observou Richard Steigmann-Gall (2004, p. 39, 48), não apenas Artur Dinter, em 1921, no seu romance *O Pecado contra o Espírito* (em tradução livre do original *Die Sünde wider den Geist*), reivindicava a necessidade de remoção desse material judaico da bíblia cristã, pois ele constituiria um monumento ao “pensamento religioso dos judeus, que se baseia em mentiras e traição, negócios e lucro”, como também o próprio Mestre Eckart, a quem Hitler fez um tributo em *Mein Kampf*, ao escrever no poema intitulado “O Enigma”: “O Novo Testamento afastou-se do Velho / como tu te libertaste do mundo / E assim como estás livre das tuas ilusões passadas / também Jesus Cristo rejeitou a sua condição de judeu”.

4 A materialidade Institucional Cristã do Nazismo

Quanto à crença na redenção cristã entre muitos alemães durante o período nazista, percebe-se que ela era composta de duas metades, como se formassem uma perfeita simbiose (STEIGMANN-GALL, 2004, p. 46). A primeira delas era formada pela figura de Hitler como salvador. Sua missão era aquela mesma de Cristo, qual seja, a de combater sem medo e sem trégua o judaísmo. A segunda metade dizia respeito às instituições religiosas, muitas delas destacando a ideia de redenção através da cruz. Neste sentido, essa redenção só poderia ser realizada na sua plenitude pela purificação de Jesus de toda e qualquer relação com o judaísmo, reconstruindo-o como ele pretensamente teria sido, isto é, como um ariano, e não

como um judeu (ver imagens 1a-c, 2, 3, 4, atentar para os detalhes estéticos da aparência).

Imagem 1a: Púlpito. Martin-Luther-Gedächtniskirche (Igreja Memorial Martin Lutero), Berlim, Alemanha, 1935.



Fonte: Site oficial da Igreja: <http://www.mlgk.de>

Imagem 1b: Detalhe do Púlpito. Martin-Luther-Gedächtniskirche (Igreja Memorial Martin Lutero), Berlim, Alemanha, 1935.



Fonte: Site oficial da Igreja: <http://www.mlgk.de>

**Imagem 1c. Pormenor do Púlpito. Martin-Luther-Gedächtniskirche
(Igreja Memorial Martin Lutero), Berlim, Alemanha, 1935.**



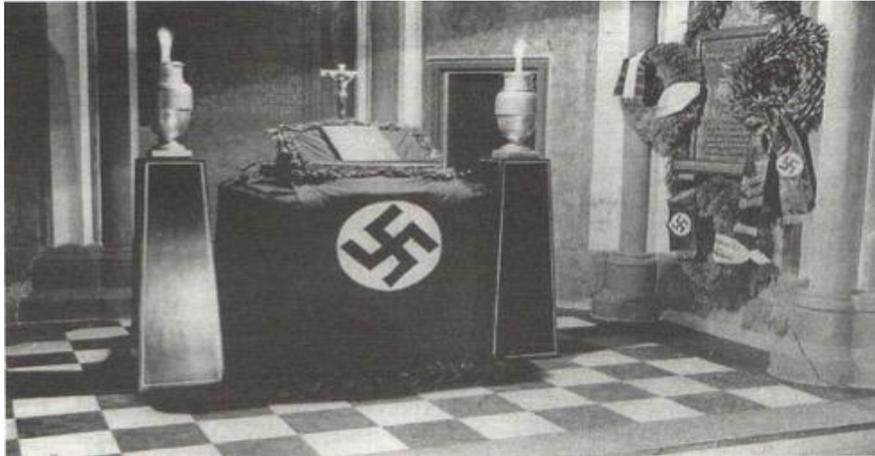
Fonte: Site oficial da Igreja: <http://www.mlgk.de>

**Imagem 2. Detalhe da Parede. Martin-Luther-Gedächtniskirche (Igreja
Memorial Martin Lutero), Berlim, Alemanha, 1935.**



Fonte: Site oficial da Igreja: <http://www.mlgk.de>

Imagem 3. Altar luterano de AntoniterKirche, Colônia, em 1935.



Fonte: Heschel, 2008, p. 4 (mais a capa).

Imagem 4. Guenter Lewy. The Catholic Church and Nazi Germany.



Fonte: Heschel, 2008, p. 209.

Os chargistas da época⁵ (ver imagens 5 e 6) conseguiram captar essa perfeita simbiose entre o Estado Nazista e setores das igrejas cristãs luterana e católica.

⁵ Para outras caricaturas retratando esta estreita relação, ver: Ericksen e Heschel (1999, figs. 16, 17).

Imagem 5: Zur Gründung der Staatskirche. Das Kreuz war noch nicht scher genug



Fonte: HEARTFIELD, 1933.

O texto em alemão diz: “Sobre a fundação da Igreja do Estado [Alemão]. A cruz ainda não era forte o bastante”.

Imagem 6. The New Christianity. 100% Aryan.



Fonte: ZEC, 1941.

5 Jesus: “o primeiro Ariano”

A implantação da cristandade ariana na igreja institucional protestante era o objetivo do Movimento (pró-nazista) Cristão Alemão (BERGEN, 1999: 40-67; 1996). Seu ápice se deu em 6 de maio de 1939, através do estabelecimento de um pseudo-centro de pesquisa antissemita, conhecido como Instituto para Estudo e Erradicação da Influência Judaica da Vida Religiosa Alemã (Institut zur Erforschung und Beseitigung des Jüdischen Einflusses im Deutschen Kirchlichen Leben) (BERGEN, 1996, pp. 142-171; HESCHEL, 2008, pp. 67-105; 1999, pp. 68-89).

Alguns dos principais nomes do Instituto tinham sido orientandos de Gerhard Kittel (ERICKSEN, 1999, pp. 33-37), no início dos anos trinta, na Universidade de Tübingen, quando da organização do Dicionário Teológico do Novo Testamento (Theological Dictionary of the New Testament). A proposta do Instituto era a de identificar a cristandade com o antissemitismo nacional-socialista, arguindo: Jesus era um ariano que procurava destruir o judaísmo (ver imagens 7a, 7b).

Imagem 7a. Igreja construída em um subúrbio de Frankfurt em 1935.

Um dos poucos afrescos construídos durante o III Reich



Fonte: Heschel, 2008, p. 51.

Imagem 7b. Detalhe do afresco, com ênfase no rosto de Jesus racialmente branco e no rosto de um dos crucificados à esquerda, com seu nariz adunco ou aquilino

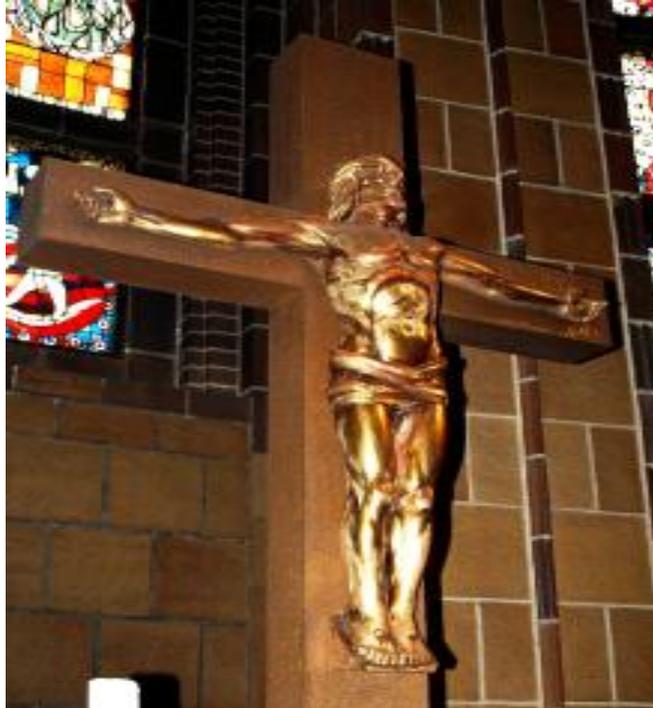


Fonte: Heschel, 2008, p. 52.

O retrato do Jesus ariano se contrapõe ao do mau ladrão, localizado à sua direita, representado por um judeu, caracterizado pelo seu nariz adunco ou aquilino (ver imagens 7a, 7b). No entanto, esta forma de representação traz consigo sinais de fraqueza e/ou de derrota de Jesus, pois sua cabeça está caída sobre seu ombro esquerdo, seus braços já não são mais capazes de segurar seu tronco, o qual força os quadris, fazendo com que suas pernas se dobrem na cruz.

A fim de superar, do ponto de vista estético, aquilo que poderia parecer um sinal de derrota frente às maquinações judaicas, outras representações de Jesus foram desenvolvidas nos anos trinta no interior da Alemanha (ver imagem 8). Por meio delas, buscou-se reforçar a vitória da cruz sobre os judeus. Jesus, firme como uma rocha, tem um corpo musculoso e reluzente, cabeça erguida e olhos fixos no horizonte, como que transcendendo à dor, à violência e à derrota. Vê-se aqui, do ponto de vista estético, a sistematização de um olhar historiográfico levado ao seu ápice pelos teólogos e religiosos nazistas: o Jesus ariano.

Imagem 8. Crucifixo pendurado acima do altar. Martin-Luther-Gedächtniskirche (Igreja Memorial Martin Lutero), Berlim, Alemanha, 1935.



Disponível no site oficial da Igreja: <http://www.mlgk.de>

6 Apontamentos conclusivos (deste ensaio, não da pesquisa!)

Os esforços de muitos teólogos alemães em sintetizar cristianismo e nacional-socialismo se devem a dois aspectos, em particular: (a) o oportunismo político; e (b) a crise interna na teologia protestante liberal no final do século XIX. Esta crise seria o resultado da descoberta de que o Jesus histórico era judeu, cujos ensinamentos eram idênticos àqueles de outros rabis de seus dias.⁶ Isto levou ao problema de determinar (a) a singularidade de Jesus e (b) a fronteira entre protestantismo liberal e judaísmo liberal.

⁶ Para um aprofundamento do antissemitismo no contexto europeu do século XIX, ver: Eco (2011); quanto à aplicabilidade do conceito de antissemitismo na Europa Medieval, especialmente na Península Ibérica, cf. Sancovsky (2008). Como uma reação à condição judaica de Jesus na Europa do século XIX, tal como exemplificado no debate mencionado por Umberto Eco (2011, pp. 377-379) ou criticado por Walter Buck (Steigmann-Gall, 2004, p. 51), ver, por exemplo: Ernest Renan (1895 – ao longo de toda a obra), Karl Keim (1867, 6 volumes – ao longo de toda a obra), Houston Chamberlain (1900, especialmente o capítulo 3 nas páginas 221-228). Para um aprofundamento de Jesus como um ariano no contexto nazista, ver: Heschel (1999, pp. 76-78) e Steigmann-Gall (2004, pp. 49-59).

Buscava-se marcar a identificação do cristianismo com a fé de Jesus, não a fé em Jesus. Enquanto o conteúdo da mensagem de Jesus poderia ter sido idêntica ao judaísmo, sua diferença seria assegurada em bases raciais. Assim, debates teológicos sobre se Jesus era um judeu ou um ariano começaram muito antes de Hitler chegar ao poder.

Aquilo que era inovador no Instituto era seu objetivo de revisar de forma radical a doutrina e a liturgia cristãs tal como praticadas nas igrejas cristãs através do Reich, trazendo-as em concordância com o antissemitismo racial (HESCHEL, 1999, pp. 68-69). Documentos de arquivos mostram que em 1935 o representante oficial das faculdades de teologia submeteu algumas petições formais requisitando a inclusão nas SS dos estudantes de teologia e pastores (HESCHEL, 1999, p. 70). Outros documentos revelam que em 1936, quando os oficiais do Partido Nazista ordenaram a remoção da suástica dos altares das igrejas e dos cabeçalhos dos jornais de igrejas, numerosas lideranças religiosas cristãs protestaram, reivindicando que a suástica no altar era uma fonte de profunda inspiração para os crentes.⁷

A "Noite dos Cristais", um pogrom ocorrido em 9 de novembro de 1938, pode providenciar uma base interessante para entender a criação do Instituto. A Declaração Godesberg, redigida em 4 abril de 1939 com o apoio do Movimento Cristão Alemão, afirmava (HESCHEL, 1999, p. 70): "o nacional-socialismo levava avante o trabalho de Martin Lutero e levaria o povo alemão ao verdadeiro conhecimento da fé cristã".

O cerne da referida Declaração trazia os seguintes questionamentos: (a) Qual é a relação entre judaísmo e cristianismo? (b) O cristianismo seria uma derivação do judaísmo, logo, sua continuação e seu término, ou ele se opõe ao judaísmo? A própria declaração respondeu a estas questões: "O Cristianismo é uma oposição religiosa intransponível ao judaísmo".

⁷ Esses documentos parecem ser suficientes para dar conta das "polêmicas" que comentadores às obras de Heschel apontaram de forma artificial ou não. Sobre isso, ver Morgan, 2010; Head 2004, 2010.

O bispo Martin Sasse, da Thuringia, um antigo membro do Partido Nazista, apoiou energicamente a "Noite dos Cristais". Como resposta a esta ação, ele publicou um pequeno panfleto intitulado: "Martin Lutero sobre os Judeus: acabem com eles".

Nele, o referido bispo arguia que o pogrom estava completamente de acordo com as próprias intenções de Lutero.⁸ Sasse observava que Lutero tinha também pedido para queimarem sinagogas e escolas (incluindo aí os livros e as pessoas!), e a erradicação do judaísmo era, argumentava Sasse, um dos próprios objetivos da respectiva reforma luterana. Esse bispo, juntamente com Walter Gründmann, trabalhou muito para a fundação do Instituto – que passará a funcionar no seminário teológico em Eisenach, junto à universidade de Jena, na Thuringia.

Convém observar, portanto, que as pesquisas sobre o Jesus Histórico, apesar de terem sofrido um forte abalo no início do século XX pelos resultados obtidos por Albert Schweitzer (1906 – original) e Rudolf Bultmann (1926 – original), não foram paralisadas, nem deixaram de ser feitas, como normalmente é assumido do ponto de vista historiográfico.

Muito pelo contrário, com o advento do darwinismo social, constata-se o aceleração de forças que já estavam em curso, atuando na dinamização de uma Europa tradicionalmente antissemita. Se o darwinismo social não explica sozinho todo esse processo de mudança, ele proporciona meios e formas necessários de leituras a fim de se entender como foi a transformação de um Jesus judeu – que aponta o cristianismo como o único caminho possível para todos os judeus – para um Jesus ariano – que se opôs de forma feroz à religião judaica, não medindo esforços para erradicá-la, sendo por isso morto pela forte pressão feita pelos judeus sobre Pilatos.

⁸ Pelo menos neste aspecto, convém observar, o referido bispo não estava completamente equivocado. Para efeito de constatação, basta que o leitor se interesse em ler a obra de Lutero intitulada *Os Judeus e suas Mentiras*, de 1543. Para uma análise mais recente sobre os usos de Lutero pelo nazismo, ver: Mendes (2015). O referido trabalho também contempla um bom levantamento documental referente a Lutero e suas recepções pelo regime nazista, inclusive, mas não somente, por meio do "cinema de propaganda" viabilizado pelo III Reich.

Deve-se ter atenção aqui: a consolidação desse novo retrato é anterior ao advento de Hitler, como se pode ler em um vasto conjunto de obras, tais como, por exemplo, as de Ernst Renan, Theodor Keim e Houston Stewart Chamberlain. No entanto, é com a ascensão de Hitler ao poder que a leitura do Jesus ariano ganhou uma dimensão até então não imaginada, já que ela culmina na efetiva colaboração de um expressivo número de teólogos cristãos com a política assassina do Estado nazista, culminando no holocausto judaico.

REFERÊNCIAS

BARANOWSKI, S. The Confessing Church and Antisemitism. Protestant Identity, German Nationhood, and the Exclusion of Jews. In: ERICKSEN, R. P.; HESCHEL, S. (Eds.) **Betrayal**. German Churches and the Holocaust. Minneapolis: Fortress Press, 1999, pp. 90-109.

BERGEN, D. L. Storm Troopers of Christ. The German Christian Movement and the Ecclesiastical Final Solution. In: ERICKSEN, R. P.; HESCHEL, S. (Eds.) **Betrayal**. German Churches and the Holocaust. Minneapolis: Fortress Press, 1999, pp. 40-67.

BERGEN, D. L. **Twisted Cross**. The German Christian Movement in the Third Reich. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus**. São Paulo: Teológica, 2005.

CHAMBERLAIN, H. Stewart. **Foundations of the Nineteenth Century**. Vol. 1. New York: Howard Fertig, 1968, (publicação original de 1900).

DIETRICH, Ana Maria. **Caça às Suásticas**. O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007.

ECO, U. **O Cemitério de Praga**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ERICKSEN, R. P. Assessing the Heritage. German Protestant Theologians, Nazis, and the “Jewish Question”. In: ERICKSEN, R. P.; HESCHEL, S. (Eds.) **Betrayal**. German Churches and the Holocaust. Minneapolis: Fortress Press, 1999, pp. 22-39.

ERICKSEN, R. P. **Complicity in the Holocaust**. Churches and Universities in Nazi Germany. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

ERICKSEN, R. P. **Theologians under Hitler**. New Haven: Yale University Press, 1985.

ERICKSEN, R. P.; HESCHEL, S. (Eds.) **Betrayal**. German Churches and the Holocaust. Minneapolis: Fortress Press, 1999.

GARCIA, Bruno (Org.). Dossiê O Nazismo no Brasil. **Revista de História da Biblioteca Nacional**: Rio de Janeiro, v. 8, n. 88, 2013.

HEAD, Peter M. Susannah Heschel's The Aryan Jesus: A Response. **Journal for the Study of the New Testament**: London, v. 32, n. 4, pp.421-431, 2010.

HEAD, Peter M. The Nazi Quest for an Aryan Jesus. **Journal for the Study of the Historical Jesus**: London, v. 2, pp. 55-89, 2004.

HEARTFIELD, J. **Zur Gründung der Staatskirche**. Das Kreuz war noch nicht scher genug. 1933. Capa de Bergen, 1996.

HESCHEL, S. **The Aryan Jesus**. Christian Theologians and the Bible in Nazi Germany. Princeton: Princeton University Press, 2008.

HESCHEL, S. When Jesus was an Aryan. The Protestant Church and Antisemitic Propaganda. In: ERICKSEN, R. P.; HESCHEL, S. (Eds.) **Betrayal**. German Churches and the Holocaust. Minneapolis: Fortress Press, 1999, pp. 68-89.

KEIM, K. T. **The History of Jesus of Nazara**: Freely Investigated in its Connection with the National Life of Israel, and Related in Detail. London: Williams and Norgate, 2nd Ed, 6 Volumes, 1867-1883.

LIENESCH, M. **In the Beginning**. Fundamentalism, The Scopes Trial, and The Making of the Antievolution Movement. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007.

MARTIN-LUTHER-GEDÄCHTNISKIRCHE (Igreja Memorial Martin Lutero). Berlim, Alemanha. Disponível em: <<http://www.mlgk.de>>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2016.

MARTIN-LUTHER-GEDÄCHTNISKIRCHE (Igreja Memorial Martin Lutero). Berlim, Alemanha. Disponível em: <<http://www.ev-kirchengemeinde-mariendorf.de/MLGK/mlgk02.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

MENDES, Caroline Alves Marques. **Martinho Lutero e o Terceiro Reich**. A Perspectiva Cinematográfica de uma Tradição Inventada. Monografia de Conclusão de Curso. Instituto de História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MORGAN, Robert. Susannah Heschel's Aryan Grundmann. **Journal for the Study of the New Testament**: London, v. 32, n. 4, pp.431-495, 2010.

RENAN, E. **Vie de Jésus**. Paris: Calmann Lévy Éditeur, 1895, (publicação original de 1863).

SANCOVSKY, R. R. **Inimigos da Fé**. Judeus, Conversos e Judaizantes na Península Ibérica no Século VII. Rio de Janeiro: Imprinta, 2008.

SCHWEITZER, Albert. **A Busca do Jesus Histórico**. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003.

SCOTT, E. C. **Evolution Vs. Creationism**. An Introduction. Berkeley: University of California Press, 2005.

STEIGMANN-GALL, R. **O Santo Reich**. Concepções Nazistas do Cristianismo, 1919-1945. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

VON HARNACK, A. Marcion. **The Gospel of the Alien God**. Jamestown: Labyrinth Press, 1990.

WEAVER, W. P. **The Historical Jesus in the Twentieth Century, 1900-1950**. Harrisburg, Pennsylvania: Trinity Press International, 1999.

ZEC, P. **JORNAL DAILY MIRROR**. 1941. Disponível em:
<<http://www.ukpressonline.co.uk/ukpressonline/explore/MGN/DMir/month/1941-05;jsessionid=727863439526A1310C704B383DF83ECo>>. Acesso em: 07 jan. 2016.